



## O uso do Twitter como ferramenta diplomática pela China: uma análise a partir das relações Brasil-China

The use of Twitter as a diplomatic tool by China: an analysis based on Brazil-China relations

DOI: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.119206>

Ana Tereza Lopes Marra de Sousa  
UFABC  
[anateresa.marra@gmail.com](mailto:anateresa.marra@gmail.com)  

### Resumo

Para muitos países, as redes sociais têm se destacado enquanto instrumento de diplomacia pública e digital, sendo a China um dos Estados que tem mais usado a rede para tais propósitos, principalmente o Twitter. Diante disso, visando contribuir para o melhor entendimento do uso do Twitter como ferramenta diplomática pela China, neste trabalho apresentamos um estudo de caso no qual analisamos o uso de contas de autoridades chinesas no Twitter para a interlocução com contrapartes brasileiras, destacando a forma como a rede social foi utilizada em momentos de tensão nas relações entre os países. A partir de revisão bibliográfica e levantamento de dados primários, concluímos que diante de um cenário de adversidades, a China passou a perceber o uso do Twitter como uma ferramenta diplomática voltada a instrumentalizar a defesa de seus interesses. No caso analisado, especificamente, autoridades chinesas utilizaram o Twitter para mobilizar no Brasil atores internos política e economicamente interessados nas relações bilaterais Brasil-China para que se colocassem contrários a políticas que poderiam ser desvantajosas para a China.

**Palavras-chave:** Diplomacia Chinesa; Twiplomacy; Relações Brasil-China.

### Abstract

For many countries, social networks have stood out as an instrument of public and digital diplomacy, with China being one of the states that has most used the network for such purposes, especially Twitter. That said, in this work we present a case study in which we analyze the use of accounts of Chinese authorities on Twitter for dialogue with Brazilian counterparts. We highlight the way in which the social network was used in moments of tension in relations between countries. With this paper we aim to contribute to a better understanding of the use of Twitter as a diplomatic tool by China. From a bibliographic review and primary data collection, we concluded that, faced with a scenario of adversities, China started to perceive the use of Twitter as a diplomatic tool aimed at instrumentalizing the defense of its interests. In the case analyzed, specifically, Chinese authorities used Twitter to mobilize internal actors in Brazil politically and economically interested in Brazil-China bilateral relations to oppose policies that could be disadvantageous to China.

**Keywords:** Chinese Diplomacy; Twiplomacy; Brazil-China relations.

Recebido: 10 Outubro 2021  
Aceito: 12 Maio 2022

*Conflitos de interesse: A autora não reportou potenciais conflitos de interesse*



## Introdução

Com o crescimento das redes sociais no século XXI, o número de contas no Twitter de autoridades de diversos países tem aumentado: pelo menos 163 países e 132 ministros de relações exteriores mantiveram perfis *online* em 2020 (TWIPLOMACY, 2020). Tem-se denominado de *twiplomacy* o uso do *Twitter* como ferramenta diplomática. Dos Estados que a têm utilizado, um dos que mais chamam atenção é a China pelo fato de, na visão de alguns analistas, o país exibir um comportamento agressivo na rede (THE ECONOMIST, 2020; BRANDT; SCHAFFER, 2020; LEE, 2021).

Os agentes governamentais chineses que tem atuado em contas oficiais do país no Twitter têm sido chamados de *Wolf Warriors* (lobos guerreiros) por usarem supostamente uma linguagem considerada ofensiva para expressar a posição chinesa (CHEUNG; WILHELM, 2021). Tal apelido se deu em função do filme da franquia do cinema chinês *Wolf Warrior II*, em cuja história soldados chineses derrotam mercenários estrangeiros. Os lobos guerreiros seriam ávidos por defender os interesses chineses, expressando orgulho nacional e patriotismo (RIGGS; JAMARILLO, 2022). No cenário diplomático, Zhu (2020, tradução nossa) afirma que a apelidada Diplomacia do Lobo Guerreiro (*Wolf Warrior Diplomacy*) tem tido como objetivo reforçar a “transição da diplomacia chinesa de um baixo perfil, conservador, e passivo para um alto perfil, assertivo e proativo”. Em vários países do Ocidente, contudo, a expressão *Wolf Warrior* é usada de forma pejorativa para caracterizar a diplomacia chinesa como agressiva (THE ECONOMIST, 2020; RIGGS; JAMARILLO, 2022).

Os *Wolf Warriors* seriam produto de uma nova estratégia do país no uso do Twitter (ALDEN; CHAN, 2021; SCHLIEBS et al, 2021). Enquanto em um momento inicial, de 2013 (ano da primeira conta controlada pelo governo chinês no Twitter) até 2017, a ferramenta foi usada primordialmente para promover uma imagem positiva do país no exterior (HUANG; WANG, 2019a), a partir de então, dentro de um cenário de aumento da concorrência interestatal, principalmente entre China e EUA, e de pandemia, tal mídia passou também a ser percebida como auxiliar para que a diplomacia chinesa pudesse se posicionar sobre assuntos controversos e lidar com críticas sofridas pelo país (ALDEN; CHAN, 2021; SCHLIEBS et al, 2021).

Aponta-se que em questões que envolvem interesses essenciais para a China, como os relacionados: i) a assuntos domésticos e de integridade territorial, como Taiwan, Tibet, Hong Kong e Xinjiang; ii) a disputa comercial e tecnológica com os EUA, e; iii) a culpabilização da China pela Covid-19; a diplomacia chinesa tem se mobilizado para rebater acusações, contra-atacar e oferecer narrativas alternativas para a audiência global tendo como uma de suas ferramentas o Twitter (JING, 2020; SCHLIEBS et al, 2021).

Nessa cena, tal rede se transformou em uma ferramenta auxiliar de gerenciamento de crise para Beijing, a partir da qual o país trata questões que afetam sua diplomacia (ALDEN; CHAN, 2021). Não existe consenso sobre como avaliar a *twiplomacy* chinesa. De um lado, o Ministério de Relações Exteriores da China (MFA, sigla do inglês *Ministry of Foreign Affairs*), afirma que as atividades no Twitter têm tido como objetivo “fazer um trabalho melhor em contar a história da China, com suas realidade e políticas, ao mundo”, bem como “facilitar a troca e a promoção do entendimento mútuo” (BHAYA, 2020, p.1, tradução nossa). De outro, alguns analistas consideram que o objetivo da China na *twiplomacy* tem sido coagir, praticar *bullying* e, em algumas situações, criar *fake news* para prejudicar outros países (BORAH, 2020; SCHLIEBS et al, 2021; LEE, 2021).

Diante disso, neste trabalho questionamos: qual papel o Twitter tem cumprido para a diplomacia chinesa? Para responder tal questão, realizamos um estudo de caso<sup>1</sup> no qual analisamos o uso de contas de autoridades chinesas no *Twitter* para a interlocução com contrapartes brasileiras, destacando a forma como a rede social foi utilizada em momentos de tensão nas relações entre os países. A hipótese do trabalho é que diante de um cenário de adversidades, a China passou a perceber o uso do Twitter como uma possibilidade para instrumentalizar a defesa de seus interesses. Tal

---

<sup>1</sup> De acordo com Yin (2009), o método baseado em estudo de caso consiste em um estudo detalhado e exaustivo do objeto de modo a fornecer conhecimento sobre ele.

hipótese é condizente com achados em trabalhos como o de Schliebs et al (2021), Alden e Chan (2021) e Huang e Wang (2019a, 2019b, 2021).

Ressalta-se que a partir de 2020, desgastes diplomáticos nas relações Brasil-China notabilizaram-se através do Twitter. A política externa do governo de Jair Bolsonaro, comandada entre 2019 e março de 2021 por Ernesto Araújo, foi marcada por um alinhamento com os EUA, por um afastamento político da China, mesmo diante do aprofundamento das relações econômicas, e por frequentes críticas a China e a parceria entre os países (SOUSA et al, 2020).

Nesse contexto, perfis de ministros de Estado, diplomatas, parlamentares, dentre outros, do lado brasileiro, e a conta da Embaixada da China no Brasil e de diplomatas chineses no Twitter, por outro, estiveram envolvidos em embates, sendo que dois assuntos geraram episódios de crise entre os países desencadeados por meio de mensagens no Twitter. O primeiro foi a pandemia, usada por agentes brasileiros para agredir a China: houve a tentativa de culpabilizar o país pela COVID-19, bem como atacou-se vacinas de origem chinesa. O segundo foi o 5G, problematizou-se a participação da empresa chinesa Huawei nas redes 5G nacionais. Embora, no geral, as discussões tenham tido como ponto de partida tweets de provocação que vieram do lado brasileiro, a forma assertiva com a qual a China os respondeu foi interpretada como sendo aplicação da Diplomacia do Lobo Guerreiro ao país (CASTRO, 2020).

Para realizar este trabalho, utilizamos revisão bibliográfica<sup>2</sup> e levantamento de dados primários, incluindo a análise de dezenas de perfis e milhares de tweets disponíveis no Twitter abarcando o período de 2019 (início do governo Bolsonaro) até 2021 (encerrando-se em março, quando há a saída de Ernesto Araújo). Para os nossos propósitos, focamos a análise em perfis que nos propiciassem compreender a ação geral de agentes chineses no Twitter e suas interações com contrapartes brasileiras. As contas analisadas estão discriminadas ao longo do trabalho. A escolha do período de análise – entre 2019 e março de 2021 – justifica-se pelo fato de ser durante ele que surgiram as maiores tensões nas relações bilaterais, nas quais as discussões de Twitter tiveram papel.

Além dessa introdução, o trabalho conta com mais 4 partes. Na segunda, analisamos o uso do *Twitter* como ferramenta diplomática; na terceira, a forma como a China usa o Twitter na sua diplomacia; na quarta, o papel que o Twitter cumpriu para a diplomacia chinesa nos momentos de tensão das relações Brasil-China, e; na quinta, apresentamos as considerações finais. Com este trabalho, esperamos contribuir para um melhor entendimento sobre o papel que o Twitter cumpre para a diplomacia chinesa, em especial em momentos de crise.

### ***Twitter* como ferramenta diplomática**

A diplomacia tem sido tradicionalmente entendida como “sistema e a arte da comunicação entre os estados” (WIGHT, 2002, p.107). Ao longo do tempo, seu exercício evoluiu de modo a se adaptar: i) a existência de novos atores no sistema internacional, e; ii) aos avanços tecnológicos, os quais facilitaram as interações (CHHABRA, 2020). Nessa cena, intensificou-se a diplomacia pública, caracterizada pelo estabelecimento de relações diretas de um Estado com a audiência de outros (DUNCOMBE, 2018; COLLINS et al, 2019). Segundo Frederick (1993, p. 229, tradução nossa) o objetivo da diplomacia pública é “influenciar o governo estrangeiro a partir da influência de seus cidadãos”.

Dentro do escopo da diplomacia pública, com o advento da *internet*, surgiu a chamada diplomacia digital caracterizada pelo “uso de mídias sociais, blogs, e outras plataformas de expressão e comunicação baseadas na web como um meio para influenciar e se engajar com audiências externas” (COLLINS et al, 2019, p. 19, tradução nossa). Rikkonen et al (2022, p. 1262, tradução nossa) destacam que a diplomacia pública, na qual se inclui a digital, não deve ser pensada como separada da tradicional, destacando-se que a finalidade delas é a mesma: “alcançar objetivos de política exterior por meio da influência de governos”, a única diferença é que na diplomacia pública e na digital a influência é exercida de forma mais indireta, através dos cidadãos do Estado objeto da ação diplomática.

<sup>2</sup> Ressalta-se que devido a atualidade do tema e a escassez de estudos acadêmicos sobre o mesmo (a *twiplomacy*, o papel da China nela, e sobre as relações Brasil-China via *Twitter*), contou-se, para a revisão bibliográfica, com muitas análises provenientes da mídia.

Dentro da diplomacia digital, uma das plataformas que tem exercido grande influência é o *Twitter*. Segundo Twiplomacy (2020), ele se tornou a principal opção de rede social para governos e ministros exteriores. Tem-se destacado como principais vantagens da *twiplomacy*: os baixos custos, se comparada com a diplomacia tradicional; o acesso a um público maior tanto para divulgar informações, como para colher impressões da audiência; o maior engajamento com pessoas que de outro modo não interagiriam com uma representação externa; a possibilidade de uso para melhorar a imagem do país e construir uma narrativa que influencie as opiniões futuras sobre ele, e; a dinamicidade da ferramenta, que permite respostas instantâneas as demandas colocadas por crises e questões inesperadas (CHHABRA, 2020; RASHICA, 2019; DUNCOMBE, 2018).

Por outro lado, apontam-se riscos ao uso do *Twitter* na diplomacia: nem sempre está claro se a posição pessoal de autoridades governamentais coincide com a oficial do Estado, o que pode causar confusão nas contrapartes externas e incertezas que levem a interpretações incorretas de posicionamento, minando a diplomacia tradicional; existe o risco de *hackeamento* de contas oficiais e exposição de mensagens privadas, e de se enganar com informações que são *fake news*, e; aponta-se ainda para a possibilidade de a diplomacia via *Twitter*, em vez de provocar apaziguamento, resultar na escalada de conflitos, não só devido a respostas duras postadas ou retuitadas por autoridades oficiais, mas também pelo fato de que a dinâmica de compartilhamentos pode mobilizar grupos dentro dos países e alimentar o aumento de tensões (CHHABRA, 2020; RASHICA, 2019; DUNCOMBE, 2018).

O *Twitter*, em especial, possui grande dinamicidade. Em termos práticos, consiste em uma rede de “usuários e as conexões e intercâmbios que ocorrem quando um usuário retuita, menciona, ou responde a outro” (HUANG; WANG, 2019b, p. 2988, tradução nossa). Na rede, retweets – que permitem que um usuário compartilhe a mensagem de outro perfil na rede – são usados como forma de aumentar a visibilidade dos tweets originais (seja para endossá-los ou criticá-los) e se engajar em conversas com determinados usuários e assuntos. Já as menções – que permitem a citação com a marcação do @ de outros perfis em uma determinada mensagem – são consideradas uma “tentativa ativa de interagir e intercambiar com os outros”, instando-os a dar uma resposta (HUANG; WANG, 2019b, p. 2993, tradução nossa). As hashtags (#) “permitem aos usuários ‘marcar’ seus posts em uma conversa mais ampla”, a qual pode ser acessada pelos perfis interessados no tema mesmo que tal perfil não seja um seguidor da conta (ALDEN; CHAN, 2021).

Assim, o engajamento que ocorre com um determinado perfil e suas publicações geram amplas possibilidades de interação, por isso o Estado que usa o *Twitter* como ferramenta diplomática deve estar ciente que o tipo de comunicação realizada por meio dele – diferentemente do uso de mídias de massa tradicionais para veicular mensagens – não produz um fluxo comunicacional e informacional de mão única, pelo contrário, permite o diálogo e interação das audiências de forma direta com o conteúdo e os agentes que o geram (BJOLA; JIANG, 2015). Nessa dinâmica, Lacombe (2018) nos lembra que o *online* facilmente transborda para o *offline* (e vice-versa) e gera dinâmicas que podem fortalecer ou enfraquecer as relações entre os Estados.

Outra característica do uso do *Twitter* como ferramenta diplomática a qual os Estados devem estar atentos é o uso da linguagem (CHHABRA, 2020; LANCOMBE, 2018). A diplomacia realizada por meio dessa plataforma possui diferenças com relação a tradicional: questões de decoro e formalidade, e o uso de jargões diplomáticos não se adequam a rede de 280 caracteres (CHHABRA, 2020), contudo o uso da linguagem na diplomacia é de grande importância. Assume-se que ao longo dos séculos, o desenvolvimento de um vocabulário “equilibrado, contido e moderado”, no qual garante-se um controle refinado sobre as nuances das palavras e seus significados, criou a linguagem diplomática (NICK, 2015, tradução nossa). Contudo, no *Twitter* é comum o uso de linguagem sem as restrições associadas ao engajamento diplomático, bem como o uso de imagens, até mesmo *memes*, como forma de estabelecer comunicações. Duncombe (2018) argumenta que devido a simplificação das mensagens que é requerida pela rede, pode faltar a polidez adequada as comunicações diplomáticas, gerando resultados que podem minar as relações entre os Estados.

Apesar dos riscos, contudo, os perfis de autoridades oficiais no *Twitter* têm crescido, sobretudo no cenário da pandemia de Covid-19 em que houve a paralisação de viagens e a mudança de várias reuniões diplomáticas para o espaço virtual. Nesse contexto, as autoridades foram encorajadas a utilizar mais o *Twitter* tanto para comunicação com o público interno, como com o externo (TWIPLOMACY, 2020).

### O uso do *Twitter* pela diplomacia chinesa

O uso do *Twitter* como ferramenta diplomática pela China pode ser dividido em dois períodos: i) de 2013 a 2017, e; ii) 2018-atual. O primeiro período foi marcado pelo início da presença da China na rede social, a partir do reconhecimento da importância que ela poderia ter para a diplomacia pública e digital do país. Os incentivos para a presença na rede a partir de então podem ser entendidos como parte de uma mudança mais ampla da diplomacia chinesa no governo de Xi Jinping (2013-atual) (BEACH, 2019; ZHU, 2020).

Analistas têm afirmado que a diplomacia chinesa no cenário pós-crise de 2008, mas principalmente após a ascensão de Xi, vem gradualmente abandonando a passividade das décadas anteriores, inspirada no baixo perfil (*low profile*) de Deng Xiaoping, para tornar-se mais proativa (YAN, 2014; ZHU, 2020). A maior proatividade é explicada pelo fato de que a China teria percebido mudanças no ambiente externo – o aumento das rivalidades interestatais e a tentativa dos EUA de estabelecerem políticas de contenção ao país –, que criaram a necessidade de um comportamento mais ativo para configurar sua inserção e, especialmente, estabelecer a legitimidade de suas ações no mundo (YAN, 2014).

Para tanto, desde seu primeiro ano de governo, Xi defendeu a necessidade de a China estabelecer estratégias para “contar melhor suas histórias” ao exterior, lançando a campanha “*Tell China’s Story Well*” (em tradução livre “conte bem as histórias da China”), com o objetivo de espalhar no exterior narrativas que fossem favoráveis a China (SCHLIEBS et al, 2021). A avaliação do governo chinês era de que a mídia ocidental tratava o país de forma injusta, o que prejudicava sua imagem e a percepção do público sobre a legitimidade de suas ações (THAM; MILLER, 2016)<sup>3</sup>. A partir de então delineou-se a presença do país nas redes sociais e a internacionalização da mídia tradicional chinesa (veículos como o *Global Times*, *CGTN*, *Xinhua* e *People’s Daily*) (WADE, 2016).

Nesse mesmo ano (2013), o MFA criou sua primeira conta no *Twitter* (@ChinaEUMission) orientada a digitalizar a diplomacia pública na União Europeia. O trabalho pioneiro de Huang e Wang (2019a) destacou que o uso do *Twitter* pela China, até 2017, se deu com o objetivo de promover uma imagem positiva do país no exterior, condizente com a orientação de “contar melhor as histórias” do país. Durante esse período, o *Twitter* foi utilizado como forma de expor o público externo a “notícias positivas” sobre o país, grande parte delas retuitadas de veículos tradicionais chineses, como a *CGTN* (@CGTNOfficial) (HUANG; WANG, 2019a; WADE, 2016).

A partir de 2018, contudo, a presença da China no *Twitter* começou a se transformar (ALDEN; CHAN, 2021; SCHLIEBS et al, 2021). Com o início da guerra comercial travada pelos EUA contra a China e os ataques do governo Trump, Beijing revisitou sua diplomacia digital e intensificou ações para integrar as redes sociais como um aspecto chave na diplomacia pública (HUANG; WANG, 2021). Desde então, o MFA não só passou a encorajar autoridades do Estado a se engajarem mais nas mídias sociais (BHAYA, 2020), como também as orientou a assumirem um “espírito de luta” para a defesa dos interesses do país (BEACH, 2019). A partir disso inaugurou-se um novo período da presença da China nas redes sociais (ALDEN; CHAN, 2021; SCHLIEBS et al, 2021).

<sup>3</sup> Ressalta-se que não é algo que se circunscreve apenas aos últimos anos do tratamento parcial dado a China, por parte de analistas e mídias ocidentais. A ascensão da China, pelo menos desde a década de 1990, em vários países ocidentais, com destaque para os EUA, tem feito com que analistas destaquem a possibilidade de existir a “ameaça China” (*China Threat*) em termos econômicos, políticos, ideológicos e estratégicos ao Ocidente (BROMMFIELD, 2003). No cenário pós-crise de 2008 caracterizado pelo aumento da concorrência interestatal, com a continuidade da ascensão chinesa, a percepção da China como ameaça foi reforçada e notou-se nas mídias ocidentais a intensificação da reprodução de discursos que tem categorizado o país como um sério desafio ao mundo democrático e liberal (WADE, 2016; THAM; MILLER, 2016).

Nele, perfis do governo chinês no Twitter continuaram a atuar na plataforma seguindo a orientação de “contar melhor as histórias da China” ao mundo, contudo, o Ministro das Relações Exteriores, Wang Yi, orientou diretamente diplomatas a adotarem um comportamento proativo e a ocuparem a rede para rebater críticas que o país sofria (BHAYA, 2020). Como resultado, aumentou-se os perfis afiliados do governo chinês no Twitter. Enquanto até 2017 havia apenas 17 perfis na rede atribuídos a embaixadas, consulados ou diplomatas chineses (HUANG; WANG, 2019b), em 2021 contabilizou-se pelo menos 189 contas desse tipo, abarcando atividades de representações e diplomatas presentes em 126 países (SCHLIEBS et al, 2021).

Alden e Chan (2021, p.6) apontam que a China percebeu a potencialidade da plataforma para alcançar uma audiência internacional de forma rápida e efetiva. Em assuntos relacionados a Taiwan, Hong Kong, Tibet e Xinjiang, a COVID-19 e a disputa comercial e tecnológica com os EUA, tornou-se comum ver o país se posicionar no Twitter rebatendo críticas (JING, 2020; ALDEN, CHAN, 2021; SCHLIEBS et al, 2021).

Em junho de 2019, por exemplo, Zhao Lijian, vice-diretor do Departamento de Informação do MFA, usou o *Twitter* para acusar os EUA de “oprimir a Huawei” e “inventar histórias” sobre ela “sem qualquer evidência” (ZHAO, 2019, tradução nossa) em resposta as medidas tomadas pela administração Trump contra a empresa. Já em 2020, a conta dos porta-vozes do MFA afirmou, no contexto em que os EUA acusavam a China pela origem da Covid-19, que o objetivo de tais acusações era “distrair a atenção da administração incompetente de resposta a #COVID-19 [nos EUA]” (SPOKESPERSON MFA\_CHINA, 2020, tradução nossa). Em março de 2021, no quadro da realização das conversas de alto nível entre China e EUA, no Alasca, diante das críticas a China relacionadas ao desrespeito de Direitos Humanos em Xinjiang, a diretora do Departamento de Informações do MFA, Hua Chunying, utilizou o *Twitter* para apontar violações por parte dos EUA: “As acusações cruéis que os EUA lançam em #Xinjiang refletem seus crimes passados. [...] o governo dos EUA perseguiu os nativos americanos com mentiras, varíola, etc [...]” (HUA, 2021, tradução nossa).

Esse tipo de publicação teria uma agenda clara: “assegurar mais influência no discurso online sobre questões relacionadas à China”, e exercer um papel de “verificação de fatos”, desmascarando o que se considera ser enganoso (JING, 2020, tradução nossa). Diante desse uso da rede, Alden e Chan (2021) consideram que o Twitter se tornou a plataforma preferencial de Beijing para conduzir sua diplomacia digital e, pela sua dinamicidade, uma importante ferramenta de comunicação auxiliar para o gerenciamento de crises, a partir da qual o país aborda assuntos controversos, usando-se a plataforma para reafirmar sua posição em debates e contra-atacar.

Foi essa mudança de comportamento nas redes que rendeu aos diplomatas chineses a alcunha de *Wolf Warriors* e deu origem a *Wolf Warrior Diplomacy*. Enquanto tal diplomacia é entendida pela China como sendo a justa defesa dos seus interesses, usando-se mais assertividade (ZHU, 2020; FOWDY, 2021), no Ocidente ela tem sido vista de forma negativa como um “estilo de retórica diplomática distintivamente conflituosa e ardentemente armada” (RIGGS; JAMARILLO, 2022, n.p., tradução nossa).

Na literatura não há consenso sobre como avaliar essa diplomacia. Brandt e Schafer (2020, n.p., tradução nossa) argumentam que os *Wolf Warriors* propagam teorias da conspiração “projetadas para semear o caos e desviar a culpa” de Beijing sobre assuntos diversos. Outros analistas, contudo, como Fowdy (2021, n.p., tradução nossa), afirmam que “Os políticos e diplomatas da China não são os provocadores; na verdade, eles estão reagindo a um mundo que cada vez mais culpa, mancha [a imagem], difama e insinua contra a China”, sendo que a grande mídia cria “um ditado unilateral em que apenas o comportamento da China é problemático e agressivo”, quando na realidade “a China está apenas se defendendo”.

Enquanto alguns consideram que essa mudança de postura diplomática poderia ser indicativa de um comportamento internacional mais agressivo (LEE, 2021), a pesquisa de Dai e Liqiu (2021, n.p., tradução nossa) afirma que o tom duro dos diplomatas chineses não se reverberou em ações concretas, sendo comum que se afirme em mensagens que o país “tomará todas as medidas necessárias”, sem, no entanto, dizer o que será feito. Destaca-se que

por mais duro que seja o tom das comunicações dos *Wolf Warriors*, “ainda deixam espaço para o governo chinês controlar a escalada dos assuntos disputados” (DAI; LIQIU, 2021, n.p., tradução nossa).

Assim, entende-se que a assertividade no discurso se tornou parte da estratégia da China para lidar com os desafios de sua inserção internacional (ZHU, 2020; FOWDY, 2021; ALDEN; CHAN, 2021). Nesse ponto, vale lembrar o trabalho de análise de Kissinger (2011, p.175) sobre os discursos da era maoísta, no qual percebeu-se que muitas falas agressivas feitas pelo mandatário (Mao Zedong) – afirmando, por exemplo, que a China, em caso de guerra nuclear com os EUA, poderia “perder mais de 300 milhões. E daí?” – eram uma forma de política de dissuasão do país no contexto internacional e visavam, na verdade, evitar que a mensagem comunicada ocorresse na prática.

Por fim, cabe destacar que embora a *Wolf Warrior Diplomacy* tenha sido mais direcionada aos EUA, Japão e alguns países europeus – que são origem das críticas que mais incomodam a China –, outros que adotaram discursos parecidos, destacando-se Austrália e Índia, também se tornaram alvos. O Brasil foi um dos países que repetiu parcialmente a narrativa do governo Trump contra a China no que diz respeito a pandemia e a guerra comercial e tecnológica, o que acabou gerando tensões nas relações bilaterais e discussões por meio do *Twitter*, as quais apontou-se ser a aplicação da *Wolf Warrior Diplomacy* ao país (CASTRO, 2020).

### **O uso do *Twitter* como ferramenta na diplomacia com o Brasil**

Para compreendermos de forma mais específica o papel que o *Twitter* tem cumprido para a diplomacia chinesa, escolhemos realizar um estudo de caso. Para tanto, analisamos o uso de contas de autoridades chinesas no *Twitter* para a interlocução com contrapartes brasileiras, destacando a forma como a rede social foi utilizada em momentos de tensão nas relações entre os países, tendo em mente, conforme afirmamos acima, que o *Twitter* se transformou em uma importante ferramenta auxiliar para o gerenciamento de crises por Beijing.

Nos dois primeiros anos do governo Bolsonaro, em especial em 2020, episódios de crise nas relações Brasil-China foram escalados por meio do *Twitter*. Assuntos relacionados a pandemia e a participação da Huawei no 5G nacional foram problematizados por perfis de agentes brasileiros no *Twitter*, aos quais a China respondeu também por meio da plataforma, transformando-a em uma ferramenta adicional de interlocução diplomática. Tais episódios nos propiciaram material a partir do qual pudemos analisar o papel que a rede cumpriu para a diplomacia chinesa.

Apesar da grande importância econômica da China para o Brasil<sup>4</sup>, a emergência de Bolsonaro ao poder alimentou uma política hostil a China. Repetindo parcialmente a retórica trumpista, desde a campanha eleitoral, em 2018, Jair Bolsonaro indicava que haveria mudança no tratamento dado a China na Política Externa Brasileira (PEB). Ainda candidato, visitou Taiwan, contrariando a política de “uma só China”, e afirmou mais de uma vez, em tom crítico, que a China estaria “comprando o Brasil” (SOUSA et al, 2021a). Logo no início de seu governo, a principal característica assumida pela PEB foi o alinhamento com os EUA, que estava em guerra comercial e tecnológica contra a China, e a subordinação aos seus interesses (BERRINGER et al, 2021).

Tal movimento causou tensões nas relações Brasil-China: as demandas entre, de um lado, aprofundar o alinhamento da PEB com os EUA e, de outro, manter relações pragmáticas com a China, ficaram mais difíceis de serem conciliadas a partir de 2020 diante de um quadro caracterizado pela intensificação da disputa sino-americana, no qual os EUA cobraram o Brasil para tomarem posição a seu favor, e pelo surgimento da pandemia de Covid-19 (SOUSA et al, 2020). Nesse cenário, a China passou a usar o *Twitter* como uma ferramenta para instrumentalizar os seus interesses nas relações bilaterais.

---

<sup>4</sup> A China é o principal parceiro comercial do país, destino essencial para a exportação de produtos como soja, petróleo e minério de ferro, fonte primordial de importação de bens da indústria da transformação para o Brasil, principal fonte de superávit comercial e importante origem de investimentos diretos externos ao país.

Nossa pesquisa evidenciou que em resposta a tweets de provocações realizados por contrapartes brasileiras, a China usou a rede para mobilizar no Brasil atores internos política e economicamente interessados nas relações entre os países para que se colocassem contrários a políticas que poderiam ser desvantajosas para a China. A interação na rede social seguiu o seguinte mecanismo: i) provocação partindo do lado brasileiro; ii) resposta dura da China, por meio de diplomatas e instituições como a embaixada, seguida por; iii) mobilização de importantes atores internos com vistas a defesa da normalidade nas relações Brasil-China.

### As desavenças em torno da pandemia

Em 18 de março de 2020, Eduardo Bolsonaro (2020a), filho do presidente Jair Bolsonaro, deputado federal e, então, presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa da Câmara dos Deputados *tweetou*: “Quem assistiu Chernobyl vai entender o q ocorreu. Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura soviética pela chinesa +1 vez uma ditadura preferiu esconder algo grave a expor tendo desgaste, mas q salvaria inúmeras vidas A culpa é da China e liberdade seria a solução.” O *tweet* se deu como comentário a um *retweet* no qual afirmava-se que a culpa pela pandemia de Covid-19 era do Partido Comunista da China (PCC) e insinuava-se que o vírus havia se originado em um laboratório em Wuhan. Destaca-se que a mesma narrativa anti-China já vinha sendo mobilizada por Trump nos EUA. O episódio abriu uma crise nas relações bilaterais. Tanto o embaixador da China no Brasil, Yang Wanming, como a Embaixada da China no Brasil reagiram.

No mesmo dia, Yang (2020a) *tweetou* em resposta a Eduardo Bolsonaro que “A parte chinesa repudia veementemente as suas palavras, e exige que as retire imediatamente e peça uma desculpa ao povo chinês”. Juntamente a conta de Eduardo Bolsonaro, foram marcados na publicação os perfis da Câmara dos Deputados e seu então presidente, Rodrigo Maia, e do Ministro Araújo. Acrescentou-se ainda que as palavras do deputado iriam “ferir a relação amistosa China-Brasil” (YANG, 2020b). Também a conta da Embaixada da China no Brasil (2020a) respondeu ao filho do presidente em uma série de *tweets*, entre os quais: “Lamentavelmente, você é uma pessoa sem visão internacional [...] Aconselhamos que não corra para ser o porta-voz dos EUA no Brasil, sob a pena de tropeçar feio”. Novamente Araújo, Maia e a Câmara dos Deputados foram marcados na publicação.

Pelo menos três aspectos chamaram atenção nessa desavença: i) a resposta dura dada pela China, incomum considerando o histórico da atuação diplomática chinesa no Brasil; ii) o uso das redes sociais como meio de resposta, espaço no qual a dinâmica de compartilhamento aumenta a escala das repercussões sobre o desacordo, e; iii) a ampla mobilização de setores internos voltados à defesa da normalidade das relações Brasil-China como resultado da amplificação das repercussões, sendo que as partes chinesas, por meio dos *tweets* de resposta, ao marcar instituições e figuras políticas nacionais, cobraram que se envolvessem.

No que diz respeito ao primeiro e segundo elementos, mesmo diante da insatisfação provocada por episódios específicos anteriores, as contrapartes chinesas haviam optado por respostas de menor repercussão. Como lembra Stuenkel (2020), quando Bolsonaro visitou Taiwan, ainda candidato, por exemplo, a embaixada manifestou sua insatisfação por meio de nota enviada a partidos políticos, em linguagem diplomática usual. Quando em uma aula magna no Instituto Rio Branco, Araújo insinuou que o Brasil não venderia a “alma” para a China em troca de soja e minério de ferro, em uma crítica as relações entre os países, a embaixada não respondeu diretamente (OLIVEIRA, 2019).

A mudança da reação chinesa, contudo, explica-se como parte do contexto em que os diplomatas foram aconselhados a assumir um “espírito de luta” e defender o país contra acusações injustas, como já abordado neste trabalho. Adicionalmente, por parte da China, houve a percepção de que o aprofundamento do alinhamento da PEB com os EUA renovava a necessidade de mobilizar grupos internos no Brasil para a defesa da normalidade nas relações bilaterais (STUENKEL, 2020). Para tanto, o Twitter serviu como importante ferramenta que amplificou as respostas



dadas pela China ao evento (temas relacionados a desavença alcançaram os *trending topics* da rede no dia do acontecimento) e permitiu, pela dinâmica de marcações e menções nos *tweets*, que as partes chinesas cobrassem pública e instantaneamente o envolvimento de atores nacionais para a defesa da China.

Como resultado, figuras importantes da política nacional saíram em defesa das relações bilaterais e se desculparam pelas declarações do deputado, dentre eles: o então presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (MAIA, 2020), e Antonio Anastasia, então presidente em exercício do Senado Federal (SENADO FEDERAL, 2020). Vários outros congressistas e mandatários de governos subnacionais (DÓRIA, 2020; DINO, 2020) usaram a situação para ressaltar a importância da China para o Brasil. Diferentemente de grande parte dos assuntos de política externa, geralmente pouco repercutidos no noticiário geral, a desavença provocada pelo deputado ganhou ampla repercussão negativa na mídia televisiva e impressa e suscitou editoriais críticos a atuação de Ernesto Araújo (BIBIANI; FERES, 2020).

Araújo, na condição de representante do Itamaraty – e de forma compatível a posição crítica a China que havia desempenhado até então no governo – em vez de apaziguar a situação, publicou no *Twitter* nota em que afirmou ser “inaceitável que o Embaixador da China endosse ou compartilhe postagens ofensivas ao chefe de Estado do Brasil”, apontando a “insatisfação do governo brasileiro com seu comportamento” e a “expectativa de uma retratação” (ARAÚJO, 2020). O ministro se irritou especialmente, pois teria considerado pouco adequado que a China, em vez dos canais tradicionais da diplomacia, tivesse usado o *Twitter* para se endereçar ao governo brasileiro; soube-se depois que o ministro solicitou a Beijing a troca do embaixador chinês no Brasil e, posterior a esse episódio, cessaram-se as comunicações entre o ministro e o embaixador chinês (WIZIAK; COLETTA, 2021).

Pressionado pela mobilização de grupos domésticos (principalmente pelo setor do agronegócio) assustados pela ameaça vaga de que o episódio poderia “ferir” as relações entre os países (LOREZON, 2020), ainda em março de 2020, Jair Bolsonaro tentou contatar Xi Jinping por telefone, contudo foi atendido apenas 4 dias depois da primeira tentativa (NUNES, 2020). Paralelamente a isso, a Embaixada da China informava em nota, também divulgada em forma de *thread* no *Twitter*, por um lado, que “A parte chinesa não aceitou a gestão feita pelo chanceler Ernesto Araújo”, mas por outro, agradecia todo “apoio e solidariedade de todos os setores da sociedade brasileira” (NUNES, 2020).

Ainda em abril, do lado brasileiro seguiu-se nova acusação, do então Ministro da Educação, Abraham Weintraub, pelo *Twitter*, de que a Covid-19 era um plano da China para o domínio do mundo. Em publicação posteriormente apagada, e ilustrada com personagens da Turma da Mônica ambientados na China, escreveu: “Geopoliticamente, quem pode Lá sair foLtalecido, em teLmos Relativos, dessa cLise mundial? [...]”, sugerindo ser a China (WEINTRAUB, 2020, apud G1, 2020). Repare-se que a letra “R” foi propositalmente trocada pelo “L” em alusão a dificuldade chinesa de pronunciar tal letra. Novamente reforçaram-se as animosidades nas relações.

A Embaixada da China (2020b) divulgou em seu *Twitter* manifestação na qual afirmou saber que tais declarações haviam sido “Deliberadamente elaboradas [...]”, “tendo causado influências negativas no desenvolvimento saudável das relações bilaterais”. De forma parecida ao que se seguiu ao episódio com Eduardo Bolsonaro, uma série de atores domésticos, destacando-se setores ligados economicamente a China e políticos, foi mobilizada a afirmar a normalidade das relações Brasil-China. A título de exemplo, o então presidente da Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados e presidente da Frente Parlamentar Brasil-China, Fausto Pinato, defendeu o afastamento do ministro de sua pasta, no que foi considerado um recado da bancada ruralista – uma das maiores e mais importantes bancadas do Congresso, e na qual estão representados os interesses de agroexportadores – de que não se aceitaria que fossem causados refluxos nas relações com a China (ROTHENBURG, 2020).

Ainda, deu-se ampla cobertura na mídia, inclusive televisiva, para as declarações do então Ministro da Educação, destacando-se que editoriais de jornais impressos também refletiram negativamente a ação do ministro e impulsionaram a defesa das relações bilaterais (BIBIANI; FERES, 2020). Ao episódio, novamente, não se seguiu pedido de desculpas do Itamaraty ou mesmo de Weintraub. Contudo, percebeu-se que o *Twitter* foi usado como ferramenta

diplomática pela China como forma de mobilizar posições de apoio ao país. As ameaças vagas feitas as relações bilaterais por meio dos tweets e o uso da rede para dar mais repercussão ao assunto chamaram novamente a atenção de atores domésticos no Brasil para que contribuíssem para a defesa das relações bilaterais.

Destaca-se ainda que, relacionado a pandemia, outra fonte de tensão entre Brasil e China foi a compra da vacina de origem chinesa, CoronaVac, pelo Ministério da Saúde (MS). Durante todo o ano de 2020, a vacina foi desacreditada pelo presidente e sofreu inúmeras críticas pelo fato de ser chinesa e patrocinada no país por um ex-aliado e corrente desafeto político, o então governador do Estado de São Paulo, João Dória. Bolsonaro recusou-se inicialmente a permitir que o MS comprasse a vacina (a mesma só foi comprada 6 meses depois da primeira oferta), justificando no *Twitter* que não permitiria a “VACINA CHINESA DE JOÃO DORIA”, pois “O povo brasileiro NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM” (BOLSONARO, 2020b). A cada uma das declarações desse tipo – incontáveis ao longo de 2020 e 2021 (mesmo depois da aquisição do imunizante) –, seguia-se um novo ciclo de mobilização de atores internos em defesa das relações com a China.

### A questão do 5G

A questão do 5G foi outro importante ponto de disputa entre Brasil e China, com desavenças amplificadas via *Twitter*. Lembra-se que os EUA, em 2020, criaram o projeto *Clean Network* a partir do qual se tentou angariar o apoio de outros países e empresas ao redor do mundo para bloquear a participação de tecnologias e empresas chinesas (em destaque a *Huawei*) na construção de redes 5G (US DEPARTMENT OF STATE, 2020). O governo Trump havia sinalizado que o aprofundamento do acordo militar com o Brasil<sup>5</sup> poderia ser prejudicado caso o país permitisse a participação da *Huawei* nas redes nacionais de 5G, assim essa tornou-se também uma pauta de conflito nas relações com a China, que não admitiria a exclusão da empresa no Brasil (SOUSA et al, 2021b).

Durante 2019 e 2020, o deputado Eduardo Bolsonaro postou em várias ocasiões no *Twitter* problematizações acerca da tecnologia 5G afirmando que “No mundo inteiro o 5G tem se tornado muito mais uma questão de geopolítica do que meramente técnica” (Bolsonaro, 2020c). Ao longo do ano de 2020, o governo Bolsonaro sinalizou que poderia tomar o lado dos EUA nessa disputa tecnológica (SOUSA et al, 2021b). Após visitas de figuras de alto escalão do governo Trump ao país, o Ministro da Economia, Paulo Guedes, chegou a afirmar que o 5G era uma questão geopolítica na qual o lugar do Brasil era ao lado dos EUA (JULIÃO, 2020).

O ápice das tensões se deu em novembro de 2020, quando o deputado usou o *Twitter* para afirmar a participação do Brasil na *Clean Network* e acusar a tecnologia da *Huawei* de ser um aparato de espionagem da China, o que deflagrou nova crise nas relações diplomáticas. O *tweet* do deputado foi publicado logo após ele ter participado de uma reunião com a presença do presidente Bolsonaro, Fábio Faria (Ministro das Comunicações) e conselheiros da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) para discutir o leilão do 5G, abrindo margem para que sua mensagem fosse compreendida como próxima ao que seria a posição oficial do país (SZPACENKOPF, 2020). A Embaixada da China no Brasil respondeu em nota (que foi postada em *thread* no *Twitter*, mas atualmente não se encontra disponível) que a declaração do deputado era “totalmente inaceitável” (Embaixada da China, 2020, apud Reuters, 2020), acrescentando-se ainda que:

Instamos essas personalidades a deixar de seguir a retórica da extrema direita norte-americana, cessar as desinformações e calúnias sobre a China e a amizade sino-brasileira, e evitar ir longe demais no caminho equivocado [...]. Caso contrário, vão arcar com as consequências negativas e carregar a responsabilidade histórica de perturbar a normalidade da parceria China-Brasil (EMBAIXADA DA CHINA, 2020, APUD REUTERS, 2020).

A esse episódio, novamente seguiu-se padrão semelhante de reação. De um lado, o Itamaraty considerou as declarações da China uma vez mais inadequadas, primeiro porque “o tratamento de temas de interesse comum por parte

<sup>5</sup> Em março de 2020, Brasil e EUA fecharam “Acordo de Pesquisa, Desenvolvimento, Teste e Avaliação (RDT&E)”, considerado pelo governo brasileiro como “um passo inicial para que Brasil e EUA desenvolvam projetos conjuntos na área de Defesa” (BRASIL, 2020a).

de agentes diplomáticos da República Popular da China no Brasil através das redes sociais não é construtivo, cria fricções completamente desnecessárias”; segundo porque o “tom e conteúdo” da mensagem seria “ofensivo e desrespeitoso”, e; terceiro, pois “É altamente inadequado que a Embaixada da República Popular da China se pronuncie sobre as relações do Brasil com terceiros países” (nesse caso, os EUA), e não lhe caberia o papel de “opinar sobre as aspirações e interesses da sociedade brasileira” (BRASIL, 2020b). Soube-se que nessa oportunidade, o Itamaraty solicitou novamente a Beijing trocar o embaixador e, do mesmo modo, foi ignorado (WIZIACK; COLETTA, 2021).

Por outro lado, atores internos foram mobilizados a defender a participação da Huawei no 5G. Além de políticos, representantes do agronegócio se “apressaram em dizer a autoridades chinesas [...] que as últimas declarações do parlamentar são isoladas e não refletem a posição da sociedade brasileira” (OLIVEIRA, 2020). Empresários organizados em torno do Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC) reafirmaram a importância estratégica das relações bilaterais, inclusive para o desenvolvimento da infraestrutura 5G (BATISTA, 2020). Já as empresas de telecomunicação reafirmaram a posição de que a *Huawei* deveria ser permitida no leilão do 5G (SOUSA et al, 2021b). Ainda, devido à preocupação com a possível exclusão da *Huawei* do certame e os impactos que isso poderia ter para as relações Brasil-China, Rodrigo Maia autorizou em dezembro de 2020 a criação de um Grupo de Trabalho do 5G na Câmara dos Deputados para acompanhar o desenvolvimento da matéria (URAPÁ, 2020). Desde então, tal grupo tem se manifestado em defesa da participação da Huawei no leilão do 5G (SOUSA et al, 2021b).

Assim, do mesmo modo que ocorreu com os assuntos da pandemia, a amplificação de desavenças sobre o 5G com o uso do *Twitter*, a partir do qual as partes chinesas mostraram insatisfação e fizeram ameaças vagas as relações bilaterais, atuou como elemento de pressão a mobilizar atores internos que ajudaram a impedir que ações prejudiciais a China fossem tomadas no plano concreto das políticas. Tais achados são consistentes com a literatura que mencionamos na parte 3, na qual se afirma que a China utiliza ameaças vagas e declarações duras não com o objetivo de concretizá-las, mas para dissuadir mudanças indesejadas, consistindo as ameaças em uma forma de deterrência.

Cabe observar que existe grande interdependência econômica entre Brasil e China, o que impulsiona a defesa do *status quo* das relações bilaterais por parte de grupos econômicos dependentes do mercado chinês, mas também de atores políticos que compreendem a importância da China para o Brasil e são também pressionados por suas bases. A China é a principal fonte de superávit comercial para o Brasil e destino essencial das exportações brasileiras para produtos como soja, petróleo e minério de ferro, consiste ainda na maior origem de importações de manufaturados para o país (BRASIL, 2021), portanto mobiliza interesses de parte importante de exportadores e importadores que aqui atuam.

Ressalta-se ainda que há expectativa, tanto da parte chinesa, como brasileira – pelo menos dos grupos que veem com mais pragmatismo as relações bilaterais –, de que a China possa desempenhar papel de relevância no provimento de investimentos ao país (CARIELLO, 2021). Assim, se do lado do governo Bolsonaro, identificou-se elementos dispostos a abdicar das relações Brasil-China gerando-se episódios de crise no *Twitter*, deve-se ponderar que seus pleitos estão descolados daquilo que é a realidade material das interações entre os países e os interesses que ela mobiliza. Do lado da China, precisamente, foi a existência desses interesses concretos por parte de atores internos brasileiros que permitiu que o país pudesse usar o *Twitter* como forma de instrumentalizar seus interesses nas relações bilaterais.

## Considerações Finais

Considerando a crescente importância das redes sociais, especificamente do *Twitter* como ferramenta diplomática, e o fato de que a China é um dos países que mais tem se destacado na *Twiplomacy*, buscamos, por meio de um estudo de caso, analisar o papel que a ferramenta cumpre para a China, em especial em momentos de tensão. Partindo da constatação de que vários atritos nas relações Brasil-China foram escalados por meio do *Twitter* em 2020, evidenciamos que a China optou por usar a plataforma como ferramenta diplomática voltada a instrumentalizar a defesa de seus interesses nas relações bilaterais. Especificamente, usou-a para a amplificar a repercussão de atritos com o

intuito de mobilizar no Brasil atores internos política e economicamente interessados nas relações bilaterais para que se colocassem contra políticas que poderiam ser desvantajosas para a China. Em especial, a insatisfação chinesa fez-se clara perante as acusações de que o país era culpado pela pandemia de Covid-19 ou/e que afirmavam que a rede 5G da *Huawei* serviria como um aparato de espionagem.

Tais achados são consistentes com a literatura analisada no trabalho a qual destacou a maior assertividade chinesa no Twitter para abordar questões consideradas essenciais para o país, entre as quais incluíam-se a culpabilização da China pela pandemia de Covid-19 e temas relacionados a guerra comercial e tecnológica com os EUA, no qual se insere o 5G. Percebeu-se, assim, o uso do Twitter como ferramenta para rebater críticas percebidas como injustas pelo país e gerenciar episódios de crises. Chama atenção ainda – o que também condiz com parte da literatura citada no texto –, o fato de que, como mostrou nossa pesquisa, as discussões de Twitter servirem mais como um instrumento da China para dissuadir mudanças indesejadas nas relações bilaterais, por meio da mobilização de atores internos para a defesa dos seus interesses, do que serem indicativas de mudanças concretas nas relações. Por fim, cabe destacar que, conforme parte da literatura aqui discutida também afirmou, a maior assertividade das partes chinesas na rede social – entendidas por alguns como agressividade – não foi gratuita, e sim situada como forma de defesa a acusações previamente sofridas.

Dado a novidade do tema analisado neste trabalho, aponta-se que há uma ampla agenda de pesquisa a ser trilhada para um entendimento mais profundo da *twiplomacy* chinesa. É preciso que se avance nos estudos, incluindo a análise de mais casos, de modo a compreender o fenômeno de forma mais completa e as adaptações que a *twiplomacy* chinesa faz a contextos distintos de atuação diplomática.

## Referências

- ALDEN, Chris; CHAN, Kendrick. Twitter and Digital Diplomacy: China and COVID-19. **LSE Ideas**, June, 2021. Disponível em: <https://www.lse.ac.uk/ideas/Assets/Documents/updates/LSE-IDEAS-Twitter-and-Digital-Diplomacy-China-and-COVID-19.pdf> Acesso em 10/04/2022.
- ARAÚJO, Ernesto. **Sobre postagens recentes e a relação Brasil-China...** 20 de mar de 2020. Twitter: @ernestofaraujo. Disponível em: <https://twitter.com/ernestofaraujo/status/1240685730453524480>. Acesso em 06/06/2021.
- BATISTA, Henrique G. Empresários lançam estratégia para incrementar negócios com a China, em meio a tensões com 5G. **O Globo**, 26/11/2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/empresarios-lancam-estrategia-para-incrementar-negocios-com-china-em-meio-tensoes-com-5g-24765622> Acesso em 10/09/2021.
- BEACH, Sophie. Chinese diplomats take their “fighting spirit” to twitter, with mixed results. **China Digital Times**, 6/12/2019. Disponível em: <https://chinadigitaltimes.net/2019/12/chinese-diplomats-take-their-fighting-spirit-to-twitter-with-mixed-results/> Acesso em 03/06/2021.
- BERRINGER, Tatiana; CARNEIRO, Gabriel; SOPRIJO, Gabriel; SOUZA, Leonardo; BARROS, Larissa. Nacionalismo às avessas. In: MARINGONI, Gilberto; SCHUTTE, Giorgio R; BERRINGER, Tatiana. (Org) **As bases bolsonaristas da política externa brasileira**. Santo André: EdUFABC/FES, 2021 (a). Disponível em: [https://editora.ufabc.edu.br/images/Livros/Bases\\_da\\_politica\\_externa\\_bolsonarista.pdf](https://editora.ufabc.edu.br/images/Livros/Bases_da_politica_externa_bolsonarista.pdf)
- BHAYA, Abhishek G. China gives a nod to 'Twiplomacy,' MOFA launches Twitter account. **CGTN**, 12/01/2020. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/2020-01-14/China-gives-a-nod-to-Twiplomacy-MOFA-launches-Twitter-account-NfiQHr2slW/index.html> Acesso em 27/05/2021.
- BIBIANI, Anna Clara Rodrigues S.; FERES, João. Diplomacia, conflito e imprensa. **Manchetometro**, 16/10/2020. Disponível em: <http://manchetometro.com.br/2020/10/16/diplomacia-conflito-e-imprensa/> Acesso em 09/10/2021.
- BJOLA, C.; JIANG, L. Social media and public diplomacy: A comparative analysis of the digital diplomatic strategies of the EU, U.S. and Japan in China. In C. Bjola & M. Holmes (Eds.), **Digital diplomacy: Theory and practice** (pp. 71–88) New York, NY: Routledge, 2015.
- BORAH, Rupakjyoti. Why China’s ‘Wolf Warrior Diplomacy’ Will Backfire. **Japan Forward**, 13/05/2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/axm6sf4e> Acesso em 03/06/2021.
- BOLSONARO, Eduardo. **Quem assistiu Chernobyl vai entender o q ocorreu...** 18 de mar de 2020 (a). Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1240286560953815040> Acesso em 01/07/2021.

BOLSONARO, Eduardo. **No mundo inteiro o 5G tem se tornado muito mais uma questão...** 29 de jul de 2020 (c). Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1288484853785272326> Acesso em 01/07/2021.

BOLSONARO, Jair. **A VACINA CHINESA DE JOÃO DORIA...** 21 de out de 2020 (b). Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1318909799505985537>. Acesso em 01/07/2021.

BRANDT, Jessica; SCHAFER, Bret. **How China's 'wolf warrior' diplomats use and abuse Twitter.** 28/10/2020. Disponível em: <https://www.brookings.edu/techstream/how-chinas-wolf-warrior-diplomats-use-and-abuse-twitter/>. Acesso em 03/06/2021.

BRASIL. (Presidência da República). **Governo brasileiro assina acordo militar com EUA durante visita de Bolsonaro.** 2020(a) Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/governo-brasileiro-assina-acordo-militar-com-eua-durante-visita-de-bolsonaro> Acesso em 10/10/2021.

BRASIL. (Ministério das Relações Exteriores). DCH II/ DCH I/ 44/ BRAS CHIN PEXT. 25/11/2020 (b).

BROMMFIELD, Emma. Perceptions of Danger: The China threat theory. **Journal of Contemporary China**, v.12 n.35, 265-284, 2003.

CARIELLO, Túlio. **Investimentos Chineses no Brasil – Histórico, Tendências e Desafios Globais (2007-2020).** Conselho Empresarial Brasil-China, 2021. Disponível em: <https://www.cebc.org.br/2021/08/05/investimentos-chineses-no-brasil-historico-tendencias-e-desafios-globais-2007-2020/> Acesso em 10/10/2021.

CASTRO, Gabriel A. "Wolf Warrior", o filme que desnuda as ambições do Partido Comunista Chinês. **Gazeta do Povo**, 20/08/2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/wolf-warrior-o-filme-que-desnuda-as-ambicoes-do-partido-comunista-chines/>. Acesso em 05/07/2021.

CHEUNG, Rachel; WILHELM, Benjamin. Why China's 'Wolf Warriors' Won't Back Down. **World Politics Review**, 7/04/2021. Disponível em <<https://www.worldpoliticsreview.com/trend-lines/29554/china-s-wolf-warrior-diplomacy-is-here-to-stay>> Acessado em 03/06/2021.

CHHABRA, Radhika. Twitter Diplomacy: A Brief Analysis. **Issue Briefs And Special Reports**, Jan, 2020. Disponível em <<https://www.orfonline.org/research/twitter-diplomacy-a-brief-analysis-60462/>> Acessado em 28/05/2021.

COLLINS, Stephen; DEWITT, Jeff; LEFEBVRE, Rebecca. Hashtag diplomacy: twitter as a tool for engaging in public diplomacy and promoting US foreign policy. **Place Branding and Public Diplomacy**, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41254-019-00119-5> Acesso em 10/04/2022.

DAI, Yaoyao; LUQIU, Luwei R. China's 'wolf warrior' diplomats like to talk tough. **The Washington Post**, 12/05/2021. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/politics/2021/05/12/chinas-wolf-warrior-diplomats-like-talk-tough/>. Acesso em 15/06/2021.

DINO, Flávio. **Economia brasileira vive momento de fragilidade. Um filho de...** 18 de mar de 2020. Twitter: @FlavioDino. Disponível em: <https://twitter.com/FlavioDino/status/1240456142079365121> Acesso em 10/10/2021.

DÓRIA, João. **Lamentável e irresponsável a declaração feita pelo ...** 19 de mar de 2020. Twitter: @jdoriajr. Disponível em: <https://twitter.com/jdoriajr/status/1240608211310465027> Acesso em 10/10/2021.

DUNCOMBE, Constance. Twitter and the Challenges of Digital Diplomacy. In: **Review of International Affairs**, Volume 38, Number 2, Summer-Fall, pp. 91-100, 2018 Disponível em: <https://doi.org/10.1353/sais.2018.0019> Acesso em 10/04/2022.

EMBAIXADA DA CHINA NO BRASIL. **@BolsonaroSP Lamentavelmente, você é uma pessoa sem visão internacional...** 18 de mar de 2020 (a). Twitter: @EmbaixadaChina. Disponível em: <https://twitter.com/EmbaixadaChina/status/1240444169497260034>. Acesso em 12/06/2021.

EMBAIXADA DA CHINA NO BRASIL. **Manifestação do porta-voz da Embaixada da China no Brasil...** 6 de abr de 2020 (b). Twitter: @EmbaixadaChina. Disponível em: <https://twitter.com/EmbaixadaChina/status/1247001668832702474>. Acesso em 12/06/2021.

FOWDY, Tom. **There's no 'wolf warrior diplomacy', only a logical reaction to Western attacks on China.** 02/06/2021. Disponível em: <https://www.rt.com/op-ed/525478-china-cnn-wolf-warrior-diplomacy/>. Acesso em 30/06/2021.

FREDERICK, Howard. **Global communication and international relations.** Belmont, CA: Wadsworth, 1993.

G1. **Weintraub publica insinuações contra a China, depois apaga; embaixada cobra retratação.** 06/04/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/06/weintraub-publica-post-com-insinuacoes-contra-a-china-depois-apaga-embaixada-repudia.ghtml>. Acesso em 07/06/2021.

HUA Chunying. **The vicious accusations the US flings at #Xinjiang reflect...** 31 de mar de 2021. Twitter: @SpokespersonCHN. Disponível em: <https://twitter.com/SpokespersonCHN/status/1377290546532642817> Acesso em 02/07/2021.

HUANG, Zhao; WANG, Rui. The New 'Cat' Of The Internet: China's Panda Diplomacy On Twitter. **Advances in Public Relations and Communication Management**, Volume 4, p. 69-85, 2019a. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/S2398-391420190000004006/full/html> Acesso em 10/04/2022.

HUANG, Zhao; WANG, Rui. Building a Network to “Tell China Stories Well”: Chinese Diplomatic Communication Strategies on Twitter. **International Journal of Communication** 13, 2984–3007, 2019b. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/11221/2703> Acesso em 10/04/2022.

HUANG, Zhao; WANG, Rui. Exploring China’s Digitalization of Public Diplomacy on Weibo and Twitter: A Case Study of the U.S.–China Trade War. **International Journal of Communication** 15, 1912–1939, 2021. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/15105> Acesso em 10/04/2022.

JING, Zeng. Twitter has become a new battleground for China’s wolf-warrior diplomats. **The Guardian**, 02/12/202. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/dec/02/twitter-has-become-a-new-battleground-for-chinas-wolf-warrior-diplomats>. Acesso em 30/06/2021.

JULIÃO, Henrique. Paulo Guedes: ‘suspeição geopolítica’ à China afeta competição no 5G brasileiro. **Teletime**, 7 jul. 2020. Disponível em: <https://teletime.com.br/07/07/2020/paulo-guedes-suspeicao-geopolitica-a-china-afeta-competicao-no-5g-brasileiro/> Acesso em 09/10/20.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LEE, Yen Nee. **China’s aggressive behavior on the global stage is an ‘immense danger,’ says analyst**. 28/06/2021. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2021/06/28/chinas-wolf-warrior-diplomacy-aggression-are-an-immense-danger-analyst.html>. Acesso em 20/06/2021.

LOREZON, Giovanni. **‘Base’ do agro crítica duramente Eduardo Bolsonaro por abrir crise com China**, 19/03/2020. Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/base-do-agro-critica-duramente-eduardo-bolsonaro-por-abrir-crise-com-china/> Acesso em 10/10/2021.

OLIVEIRA, Eliane. Araújo ataca parcerias com Europa e Brics, e critica antecessores por apostarem no ‘antiamericanismo’. **O Globo**, 12/03/2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/araujo-ataca-parcerias-com-europa-brics-critica-antecessores-por-apostarem-no-antiamericanismo-23516734> Acesso em 10/10/2021.

OLIVEIRA, Eliane. Agronegócio quer salvar relação com a China, após acusações de espionagem de Eduardo Bolsonaro. In: **O Globo**, 26/11/2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/agronegocio-quer-salvar-relacao-com-china-apos-acusacoes-de-espionagem-de-eduardo-bolsonaro-24766813> Acesso em 10/10/2021.

MAIA, Rodrigo. **Em nome da Câmara dos Deputados, peço desculpas à China e...** 19 de mar de 2020. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: <https://twitter.com/RodrigoMaia/status/1240474698326163456> Acesso em 10/10/2021.

NICK, Stanko. Use Of Language In Diplomacy. **Diplo**, 2015. Disponível em: <https://www.diplomacy.edu/resource/use-of-language-in-diplomacy/> Acesso em 10/04/2022.

NUNES, Vicente. Presidente da China resiste a falar com Bolsonaro. In: **Correio Brasiliense**, 20/03/2020. Disponível em: <https://blogs.correiobrasiliense.com.br/vicente/presidente-da-china-resiste-a-falar-com-bolsonaro/>. Acesso em 04/06/2021.

RASHICA, Viona. Digital diplomacy: aspects, approaches and practical use. In: **European Perspectives** – International Scientific Journal on European Perspectives volume 10, number 1 (17), pp 21–39, April 2019. Disponível em: [https://www.europeanperspectives.org/storage/24/DIGITAL-DIPLOMACY\\_Rashica.pdf](https://www.europeanperspectives.org/storage/24/DIGITAL-DIPLOMACY_Rashica.pdf) Acesso em 10/10/2021.

REUTERS. **Embaixada chinesa reage a postagens de Eduardo Bolsonaro sobre 5G e cita perturbação na relação Brasil-China**. 24/11/2020. Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/embaixada-chinesa-reage-a-postagens-de-eduardo-bolsonaro-sobre-5g-e-cita-perturbacao-na-relacao-brasil-china/>. Acesso em 05/07/2021.

RIGGS, Aidan Powers; JARAMILLO, Eduardo. Is China Putting ‘Wolf Warriors’ on a Leash? **The Diplomat**. 22/01/2022. Disponível em: <https://thediplomat.com/2022/01/is-china-putting-wolf-warriors-on-a-leash/> Acesso em: 18 abr. 2022.

RIKKONEN, Lassi; ISOTALUS, Pekka; HAUKKALA, Hiski. Places for Identification in the Blame Game: An Exploration of Rhetorical Diplomacy in a U.S.–China Twitter Clash. **International Journal of Communication** 16, 1260–1281, 2022. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/17765> Acesso em 10/04/2022.

ROTHENBURG, Denise. Bancada do agro pede a cabeça de Weintraub. **Correio Brasiliense**, 08/04/2020. Disponível em: <https://blogs.correiobrasiliense.com.br/denise/bancada-do-agro-pede-a-cabeca-de-weintraub/> Acesso em 10/10/2021.

SCHLIEBS, Marcel; BAILEY, Hannah; BRIGHT, Jonathan; HOWARD, Philip N. China’s Public Diplomacy Operations: Understanding Engagement and Inauthentic Amplification of PRC Diplomats on Facebook and Twitter. In: **Dem.Tech Working Paper**, May, 2021. Disponível em <https://demtech.oii.ox.ac.uk/wp-content/uploads/sites/127/2021/05/Chinas-Public-Diplomacy-Operations-Dem.Tech-Working-Paper-2021.1-4.pdf> Acesso em 10/04/2022.

SENADO FEDERAL. **Ofício no 224/2020/Presid**. 19/03/2020.

SPOKESPERSON MFA-CHINA. **The Interim Report on Origins of COVID-19 Pandemic...** 23 de jun de 2020. Twitter: @MFA\_China. Disponível em: [https://twitter.com/MFA\\_China/status/1275402953730351104](https://twitter.com/MFA_China/status/1275402953730351104). Acesso em 02/07/2021.

SOUSA, Ana Tereza L. M.; BELASQUES, Bruna; CASTRO, Bruno; CARNEIRO, Gabriel; ABRÃO, Rafael; SANTOS, Vitor H. **Relações Brasil-China durante a pandemia: abalos no pragmatismo**. In: AZZI, Diego; RODRIGUES, Gilberto; SOUSA, Ana Tereza L. M. (Orgs). **A política externa de Bolsonaro na pandemia**. São Bernardo do Campo: OPEB/FES, 2020.

SOUSA, Ana Tereza L. M.; SCHUTTE, Giorgio R; TEIXEIRA, Ana Paula; BELASQUES, Bruna; CASTRO, Bruno. **Relações Brasil-China no governo Bolsonaro: da ideologia ao pragmatismo**. In: MARINGONI, Gilberto; SCHUTTE, Giorgio R; BERRINGER, Tatiana. (Org) **As bases bolsonaristas da política externa brasileira**. Santo André: EdUFABC/FES, 2021 (a). Disponível em: [https://editora.ufabc.edu.br/images/Livros/Bases\\_da\\_politica\\_externa\\_bolsonarista.pdf](https://editora.ufabc.edu.br/images/Livros/Bases_da_politica_externa_bolsonarista.pdf)

SOUSA, Ana Tereza L. M.; ABRÃO, Rafael; SANTOS, Vitor H. **Entre a subserviência e o pragmatismo: o Brasil perante o 5G**. **Oikos**, Rio de Janeiro, vol. 20, n.1, 2021(b). Disponível em: <http://revistaioikos.org/seer/index.php/oikos/article/view/716/353> Acesso em 10/10/2021.

STUENKEL, Oliver. **China's Diplomats Are Going on the Offensive in Brazil**. In: **Foreign Policy**, 15/05/2020. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2020/05/15/chinas-diplomats-are-going-on-the-offensive-in-brazil/> Acesso em 10/10/2021.

SZPACENKOPF, Marta. **Eduardo Bolsonaro apaga tuite sobre 5G em que falava de 'espionagem da China'**. In: **O Globo**, 24/11/2021. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/eduardo-bolsonaro-apaga-tuite-sobre-5g-em-que-falava-de-espionagem-da-china.html> Acesso em 10/10/2021.

THAM, Engen; MILLER, Matthew. **Exclusive: Beijing auditions foreign public relations firms to polish China brand**. abril 21, 2016. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-china-pr-exclusive-idUSKCN0XJ007> Acesso em 03/06/2021.

THE ECONOMIST. **China's "Wolf Warrior" diplomacy gamble**. In: **The Economist**, May 30, 2020. Disponível em: <https://www.economist.com/china/2020/05/28/chinas-wolf-warrior-diplomacy-gamble>. Acesso em 13/04/2022.

TWIPLOMACY. **Twiplomacy Study 2020**. July 20, 2020. Disponível em: <https://twiplomacy.com/blog/twiplomacy-study-2020/> Acesso em 03/06/2021.

US DEPARTMENT OF STATE. **The Clean Network**. 2020. Disponível em: <https://2017-2021.state.gov/the-clean-network/index.html> Acesso em 10/10/2021.

YAN, Xuetong. **From keeping a low profile to striving for achievement**. In: **The Chinese Journal of International Politics**, 7(2), 153-184, 2014. Disponível em: <https://academic.oup.com/cjip/article/7/2/153/438673> Acesso em 10/10/2021.

YANG, Wanming. **A parte chinesa repudia veementemente as suas palavras...** 18 de mar de 2020 (a). Twitter: @WanmingYang. Disponível em: <https://twitter.com/WanmingYang/status/1240441812105519109>. Acesso em 12/06/2021.

YANG, Wanming. **@BolsonaroSP Além disso, vão ferir a relação amistosa...** 18 de mar de 2020 (b). Twitter: @WanmingYang. Disponível em: <https://twitter.com/WanmingYang/status/1240441077875736579> Acesso em 12/06/2021

YIN, Robert K. **Case study research, design and methods** (applied social research methods). Thousand Oaks. California: Sage Publications, 2009.

WADE, Samuel. **Western PR Firms, Scmp, And China's Story Abroad**. Apr 22, 2016. Disponível em: <https://chinadigitaltimes.net/2016/04/western-pr-firms-south-china-morning-post-telling-chinas-story-abroad/> Acesso em 03/06/2021.

WIGHT, Martin. **A política do poder**. Brasília: Editora UNB, IPRI; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de SP, 2002.

WIKIACK, Júlio; COLETTA, Ricardo. **China ignora pedidos de Bolsonaro por troca de embaixador no Brasil**. In: **FSP**, 14/02/2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/02/china-ignora-pedidos-de-bolsonaro-por-troca-de-embaixador-no-brasil.shtml> Acesso em 10/10/2021.

ZHAO Lijian. **Chinese spokesman: To oppress Huawei, US has wracked...** 1 de jun de 2019. Twitter: @zlj517. Disponível em: <https://twitter.com/zlj517/status/1134919113602732032>. Acesso em: 01/07/2021.

ZHAO Lijian. **Soul-searching questions for Navarro: What's behind the closure of the biolab...** 6 de jul de 2020 (a). Twitter: @zlj517. Disponível em: <https://twitter.com/zlj517/status/1280131459429232645>. Acesso em: 01/07/2021.

ZHAO Minghao. **Washington's 'narrative warfare' on Beijing**. 29/06/2020 (b). Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/2020-06-29/Washington-s-narrative-warfare-on-Beijing--RIJkyKqEdG/index.html>. Acesso em 29/06/2021

ZHU, Zhiqun. **Interpreting China's "Wolf-Warrior Diplomacy"**. **The Diplomat**. 15/05/2020. Disponível em: <https://thediplomat.com/2020/05/interpreting-chinas-wolf-warrior-diplomacy/> Acesso em 17/04/2022.

---

#### Funções de colaboração exercidas

Ana Tereza Lopes Marra de Sousa:

Conceituação, Metodologia, Validação, Curadoria de dados, Administração do projeto, Visualização, Análise formal, Escrita (primeira redação), Escrita (revisão e edição), Investigação e Supervisão.

Informações fornecidas pelos(as) autores(as) de acordo com a [Taxonomia de Funções de Colaborador \(CRediT\)](#)